



414



Alice Vieira

Com humor e aventuras

Os livros de aventuras passadas noutras épocas podem, por isso, ser uma ótima via para despertar o interesse pela História.

Maria Emília Braderode Santos

NO número anterior deste suplemento, dedicado à aprendizagem da História nos ensinos básico e secundário, vários autores referiram a necessidade de tornar a História apelativa aos alunos mais novos, quer através de uma linguagem acessível quer através de uma abordagem da História que parta de aspectos a que eles são sensíveis: o sentido da aventura, da acção, do narrativo; personagens com contornos nítidos; o gosto pelos detalhes concretos...

Os livros de aventuras passadas noutras épocas podem, por isso, ser uma ótima via para despertar o interesse pela História.

Creio ter sido este o objectivo de Alice Vieira ao publicar, em 1981, na Caminho, *A Espada do Rei Afonso* a que se seguiu, em 1983, *Este Rei que Eu Escolhi*. Esta última obra, que lhe valeu, aliás, o Prémio de Literatura Infantil da Fundação Calouste Gulbenkian para 1983-84, decorre no século XIV em Lisboa e os heróis da série — Vasco, Fernando, Mafalda e a veneranda anciã — prima Leocádia — conhecem e convivem com o Mestre de Avis, Nuno Álvares Pereira e, sobretudo, com uma criança espantosa, de olhos e ouvidos bem abertos, que «de tudo queria saber as causas» e que se chamava... Fernão Lopes. Com estas personagens vivem a aventura da crise de 1383-85, assistindo aos combates do Mestre de Avis com João das Regras e Álvaro Pais, vivendo o cerco de Lisboa e passando fome e sede com Fernão Lopes e Iria Vasques, participando na aclamação de D. João como rei de Portugal e regressando aos bolicinhos de chocolate na sala da casa da prima Leocádia, ali para os lados da Sé.

Alice Vieira ficará na história da literatura portuguesa para crianças acima de tudo como a autora de *Rosa, Minha irmã Rosa* (e a sua continuação noutros volumes) em que os sentimentos e as emoções de uma criança são vividos e analisados com verdade e com um humor suave. Mas esta dimensão intimista não deve obscurecer a sua contribuição para a redescoberta da História de Portugal pelos mais novos através dos dois livros acima referidos. Quando voltará Alice a prosseguir nesta via?

Jorge Ramos do Ó*

SÃO certamente múltiplas as razões que levam o estudante que termina o ensino secundário a optar pela licenciatura em História. Uma delas, talvez a que agrega o maior número de pessoas, poderá corresponder a um efectivo desejo de conhecer, escutar e perceber outros universos de outros indivíduos que o acaso fez viver antes do tempo presente. Desejo que o historiador francês, Michel de Certeau, resume nesta frase: «Prazer de compreender, de reatar relações com os desaparecidos ou de ler notícias de um outro mundo.»

Encontram-se, com frequência, em depoimentos de historiadores, estrangeiros e portugueses, expressões que tendem a caracterizar a História como uma «paixão» ou até um «divertimento, um meio de evasão, um meio de formação» (G. Duby). Assim, a expectativa e a curiosidade de muitos estudantes são estimuladas pelos próprios homens que fazem a História. Entende-se que ela reflecte sobretudo o que diz respeito à vida humana e, então, todos os temas, todas as perspectivas, todas as relações, são possíveis e perfeitamente admitidas.

Todavia, no ensino preparatório e secundário só muito levemente se encontram sinais que apontem neste sentido. Entende-se que nesta fase da aprendizagem os alunos devem sobretudo saber referenciar, no espaço e no tempo, uma série de acontecimentos e problemas importantes. O manual utilizado é sempre inflexível: apresenta as questões com uma aparência de verdade tal que quase se tem a sensação de que as coisas se não poderiam ter passado de uma outra

* Licenciado em História pela F.C.S.H. da U. Nova



Dia	X
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Pensado de trabalho licenciaturas

